

gulhasse o pensamento num invisível oceano de luz, o Messias pronunciou, pela primeira vez, a oração que legaria á humanidade.

Elevando o seu espirito magnanimo ao Pai Celestial e colocando o seu amor acima de todas as coisas, exclamou:

"Pai Nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome" e, ponderando que a redenção da creatura nunca se poderá efetuar sem a misericórdia do Creador, considerada a imensa bagagem das imperfeições humanas, continuou: — "Venha a nós o teu reino". Dando a entender que a vontade de Deus, amorosa e justa, deve cumprir-se em todas as circunstancias, acrescentou: — "Seja feita a tua vontade, assim na Terra como nos céus". Esclarecendo que todas as possibilidades de saúde, trabalho e experiencia chegam invariavelmente, para os homens, da fonte sagrada da proteção divina, prosseguiu: "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje". Mostrando que as creaturas estão sempre sob a ação da lei de compensações e que cada uma precisa desvencilhar-se das penosas algemas do passado obscuro pela exemplificação sublime do amor, acentuou: — "Perdoa-nos as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores". Conhecedor, porém, das fragilidades humanas, para estabelecer o principio da luta eterna dos cristãos contra o mal, terminou a sua oração, dizendo com infinita simplicidade: — "Não nos deixes cair em tentação e livra-nos de todo mal, porque teus são o reino, o poder e a gloria para sempre. Assim seja".

Leví, o mais intelectual dos discipulos, tomou nota das sagradas palavras, para que a prece do Senhor fosse guardada em seus corações humildes e simples. A rogativa de Jesus continha, em síntese, todo o programa de esforço e edificação do Cristianismo nascente. Desde aquele dia memorável, a oração singela de Jesus se espalhou como um perfume dos céus pelo mundo inteiro.

XIX

COMUNHÃO COM DEUS

As elucidações do Mestre, relativamente á oração, sempre encontravam nos discipulos certa perplexidade, quasi que invariavelmente em virtude das idéias novas que continham, acerca da concepção de Deus como pai carinhoso e amigo. Aquela necessidade de comunhão com o seu amor, que Jesus não se cansava de salientar, lhes aparecia como problema obscuro, que o homem do mundo não conseguiria realizar.

A esse tempo, os essenios constituíam um agrupamento de estudiosos das ciencias da alma, caracterizando as suas atividades de modo diferente, porque sem públicas manifestações de seus principios. Desejoso de satisfazer á curiosidade propria, João procurou conhecer-lhes, de perto, os pontos de vista, em materia das relações da comunidade com Deus e, certo dia, procurou o Senhor, de modo a ouvi-lo mais amplamente sobre as duvidas que lhe atormentavam o coração:

— Mestre — disse ele, solícito — tenho desejado sinceramente compreender os meus deveres atinentes á oração; entretanto, sinto que minh'alma está tomada de certas hesitações; anseio por esta comunhão perene com o Pai; todavia, as idéias mais antagonicas se opõem aos meus desejos.

Ainda agora, manifestando meu pensamento a um amigo que se instrue com os essênios, acerca de minhas necessidades espirituais, asseverou-me ele que necessito compreender que toda edificação espiritual se deve processar num plano oculto. Mas, suas observações me confundiram ainda mais. Como poderei entender isso? Devo então ocultar o que haja de mais santo em meu coração?

O Messias, arrancado de suas meditações, respondeu, com brandura:

— João, todas as dúvidas que te assaltam se verificam pelo motivo de não haveres compreendido, até agora, que cada creatura tem um santuário no proprio espirito, onde a sabedoria e o amor de Deus se manifestam, através das vozes da consciencia. Os essênios levam muito longe a teoria do labor oculto, pois, antes de tudo, precisamos considerar que a verdade e o bem devem ser patrimonio de toda a humanidade em comum. No entanto, o que é indispensavel é saber dar a cada creatura, de acordo com as suas necessidades proprias. Nesse capitulo, estão acertados, quanto ao zelo que os caracteriza, porque os unguentos reservados a um ferido não se ofertam ao faminto que precisa de pão. Também eu tenho afirmado que não poderei ensinar tudo o que desejara aos meus discipulos, sendo compelido a reservar outras lições do Evangelho do Reino para o futuro, quando a magnanimidade divina permitir que a voz do Consolador se faça ouvir, entre os homens sequiosos de conhecimento. Não tens observado o numero de vezes em que necessito recorrer a parábolas para que a revelação não ofusque o entendimento geral? No que se refere á comunhão de nossas almas com Deus, não me esqueci de recomendar que cada espirito ore no segredo do seu intimo, no silencio de suas esperanças e aspirações mais sagradas. E' que cada creatura deve estabelecer o seu proprio caminho para mais alto, erguendo em si mesma o santuario divino da

fé e da confiança, onde interprete sempre a vontade de Deus, com respeito ao seu destino. A comunhão da creatura com o Creador é, portanto, um imperativo da existencia e a prece é o luminoso caminho entre o coração humano e o Pai de infinita bondade.

*

O apostolo escutou as observações do Mestre, parecendo meditar austeramente. Entretanto, obtemperou:

— Mas, a oração deve ser louvor ou supplica?

Ao que Jesus respondeu com bondade:

— Por prece devemos interpretar todo ato de relação entre o homem e Deus. Devido a isso mesmo, como expressão de agradecimento ou de rogativa, a oração é sempre um esforço da creatura em face da Providencia Divina. Os que apenas suplicam podem ser ignorantes, os que louvam podem ser somente preguiçosos. Todo aquele, porém, que trabalha pelo bem, com as suas mãos e com o seu pensamento, esse é o filho que aprendeu a orar, na exaltação ou na rogativa, porque em todas as circunstancias será fiel a Deus, consciente de que a vontade do Pai é mais justa e sábia do que a sua propria.

— E como ser leal a Deus, na oração? — interrogou o apostolo, evidenciando as suas dificuldades intellectuais. — A prece já não representa em si mesma um sinal de confiança?

Jesus contemplou-o com a sua serenidade imperturbavel e retrucou:

— Será que também tu não entendes? Não obstante a confiança expressa na oração e a fé tributada á providencia superior, é preciso colocar acima delas a certeza de que os designios celestiais são mais sabios e misericordiosos do que o capricho

próprio; é necessário que cada um se una ao Pai, comungando com a sua vontade generosa e justa, ainda que seja contrariado em determinadas ocasiões. Em suma, é imprescindível que sejamos de Deus. Quanto às lições dessa fidelidade, observemos a própria natureza, em suas manifestações mais simples. Dentro dela, agem as leis de Deus e devemos reconhecer que todas essas leis correspondem à sua amorosa sabedoria, constituindo-se suas servas fieis, no trabalho universal. Já ouviste falar, alguma vez, que o sol se afastou do céu, cansado da paisagem escura da Terra, alegando a necessidade de repousar? As águas teriam privado o globo de seus benefícios, em certos anos, a título de repouso indispensável? Por desagradável que seja em suas características, a tempestade jamais deixou de limpar as atmosferas; apesar das lamentações dos que não suportam a humidade, a chuva não deixa de fecundar a terra! João, é preciso aprender com as leis da natureza a fidelidade a Deus!... Quem as acompanha no mundo planta e colhe com abundância e observar a lealdade para com o Pai é semear e atingir as mais formosas searas da alma no infinito!... Vê, pois, que todo problema da oração está em edificarmos o reino do céu entre os sentimentos do nosso íntimo, compreendendo que os atributos divinos se encontram também em nós.

O apóstolo guardou aqueles esclarecimentos, cheio de boa vontade no sentido de alcançar a sua perfeita compreensão.

— Mestre — exclamou, respeitoso — vossas elucidações abrem uma estrada nova para minh'alma; contudo, eu vos peço com a sinceridade da minha afeição me ensineis, na primeira oportunidade, como deverei entender que Deus está igualmente em nós.

O Messias fixou nele o olhar translucido e, deixando perceber que não poderia ser mais explícito, com o recurso das palavras, disse apenas:

— Eu to prometo.

A conversação que vimos de narrar verificara-se nas cercanias de Jerusalém, numa das ausências eventuais do Mestre do círculo bem amado de sua família espiritual em Cafarnaum.

No dia seguinte, Jesus e João demandaram Jericó, afim de atender ao programa de viagem organizado pelo primeiro.

Na excursão a pé, ambos se entretinham em admirar as poucas belezas do caminho, escassamente favorecido pela natureza. A paisagem era árida e as árvores existentes apresentavam as frondes recurvadas, entremostrando a pobreza da região, que não lhes incentivava o desenvolvimento.

Não longe de uma pequena herdade, o Mestre e o apóstolo encontraram um rude lavrador, cavando grande pôço, à beira do caminho. Bagas de suor lhe desciam da fronte; mas, seus braços fortes iam e vinham à terra, na ansia de procurar o líquido precioso.

Ante aquele quadro, Jesus estacionou com o discípulo, a pretexto de breve descanso, e, revelando o interesse que aquele esforço lhe despertava, perguntou ao trabalhador:

— Amigo, que fazes?

— Busco a água que nos falta — redarguiu com um sorriso o interpelado.

— A chuva é assim tão escassa nestas paragens? — tornou Jesus, evidenciando afetuoso cuidado.

— Sim, nas proximidades de Jericó, ultimamente, a chuva se vem tornando uma verdadeira graça de Deus.

O homem do campo prosseguiu no seu trabalho exaustivo; mas, apontando para ele, o Messias disse a João, em tom amigo:

— Este quadro da natureza é bastante singelo; porém, é na simplicidade que encontramos os

simbolos mais puros. Observa, João, que este homem compreende que sem a chuva não haveria mananciais na Terra; mas, não pára em seu esforço, procurando o reservatorio que a Providencia Divina armazenou no sub-solo. A imagem é palida; todavia, chega para comprehenderes como Deus reside tambem em nós. Dentro do simbolo, temos de entender a chuva como o favor de sua misericordia, sem o qual nada possuiriamos. Esta paisagem deserta de Jericó pode representar a alma humana, vasia de sentimentos santificadores. Este trabalhador simboliza o cristão ativo, cavando junto dos caminhos áridos, muitas vezes, com sacrificio, suor e lagrimas, para encontrar a luz divina em seu coração. E a agua é o simbolo mais perfeito da essencia de Deus, que tanto está nos céus, como na Terra.

O discipulo guardou aquelas palavras, sabendo que realizara uma aquisição de claridades imorredoiras. Contemplou o grande pôço, onde a agua clara começava a surgir, depois de imenso esforço do humilde trabalhador que a procurava desde muitos dias, e teve nítida comprehensão do que constituia a necessaria comunhão com Deus. Experimentando indefinivel jubilo no coração, tomou das mãos do Messias e as osculou, com a alegria do seu espirito alvoroçado. Confortado, como alguem que vencera grande combate intimo, João sentiu que finalmente comprehendera.

XX

MARIA DE MAGDALA

Maria de Magdala ouvira as pregações do Evangelho do Reino, não longe da Vila principesca onde vivia á conta de prazeres, em companhia de patricios romanos, e tomara-se de admiração profunda pelo Messias.

Que novo amor era aquele apregoado aos pescadores singelos, pelos seus labios divinos? Até ali, caminhara sobre as rosas rubras do desejo, embriagando-se com o vinho de condenaveis alegrias. Contudo, seu coração estava sequioso e em desalento. Era jovem e formosa, emancipara-se dos preconceitos férreos de sua raça; sua beleza lhe escravizava aos caprichos de mulher os mais ardentes admiradores; mas, seu espirito tinha fome de amor. O profeta nazareno havia plantado em sua alma novos pensamentos. Depois que lhe ouvira a palavra, observou que as facilidades da vida lhe traziam agora um tédio mortal ao espirito sensível. As musicas volutuosas não lhe encontravam eco no intimo, os enfeites romanos de sua habitação se tornaram áridos e tristes. Maria chorou longamente, embora não comprehendesse ainda o que pleiteava o profeta desconhecido; entretanto, seu convite amoroso parecia ressoar-lhe nas fibras